

Da migracao dos povos.

Esta se processando, em toda parte, profunda modificacao na maneira como moramos. Modificacao comparavel apenas com aquela que ocorreu no fim do paleolitico, quando a humanidade passou do estagio nomadico para o sedentario. Atualmente estamos abandonando o estagio sedentario, e somos de mudanca. Individuos e grupos sempre mais numerosos migram. A cena oferece, a um observador distanciada, a visao de um formigueiro perturbado por pe transcendente.

Estamos de mudanca, porque o nosso ambiente esta se tornando in-habitual, portanto inhabitavel. A casa, o lar, a patria e ambiente ao qual estamos acostumados. A cena esta coberta de densa capa do habito, a qual nao permite que percebamos as estruturas fundamentais, apenas as modificacoes superficiais. E e esta encobertura do fundo da cena que cria a ilusao de permanencia, e permite que tenhamos confianca na permanencia imutavel do nosso ambiente. Pois atualmente as estruturas fundamentais estao ruindo, e ao faze-lo dispersam a capa do habito que as encobriu. Estamos perdendo a confianca na estabilidade da cena. De habitual, o nosso ambiente esta passando a estranho, e de habitantes, estamos passando a estrangeiros. Por isto estamos de mudanca todos, quer migremos, quer continuemos em lugar fixo. Nao apenas os hindus em Londres, os algerianos em Marseille e os nordestinos em S. Paulo estao de mudanca, igualmente os londrinos, os marseillezes e os paulistanos. Somos todos alienados da circunstancia, na qual nao mais nos reconhecemos.

A mudanca profunda que esta removendo a capa do habito tem a ver com a transformacao das estruturas tradicionais, (familia, escola, lugar do trabalho, cidade, estado), em aparelhos. Tudo esta se funcionalizando. E isto esta transformando o ritmo da vida. Estamos sendo circulados de aparelho para aparelho, os quais sao mutuamente sincronizados. A industria e sincronizada com os programas de televisao e com os meios de transporte, a escola sincronizada com a industria do turismo e com o ritmo circular do estado. O ritmo circular, que transforma a vida em pendulo, esta programado. A mudanca profunda que esta removendo a capa do habito tem a ver com a programacao da vida. E a isto que somos incapazes de habituar-nos.

A migracao dos povos que e a consequencia disto consiste em ondas sucessivas de "barbaros", (gente nao funcionalizada), que invadem a cena. Mas desta vez as ondas nao provem das estepes, (como no fim da Idade antiga), mas dos uteros de mocas subnutridas e submissas, de cor, essas matriarcas do futuro. Se contemplarmos os rostos de tais mocas, reconheceremos a tripla violentacao da qual sao vitimas. Por parte dos seus machos, por parte da burguesia dominante, por parte dos aparelhos. De modo que reconheceremos nos rostos dessas mocas sofredoras os tracos dos nossos proprios crimes passados. Tais mocas sao as portadoras do futuro, e estao marcadas pelos tracos do nosso passado. E e isto que e o mais inhabitual na cena: que o futuro que esta irrompendo e o nosso proprio passado, que temos o futuro as costas. E que, se estamos migrando, se estamos nos "desenvolvendo", e para fugir do futuro.

Mas nao e isto que torna tao inhabitual, tao horrivel, a atual migracao dos povos. O horrivel e que os nenés de barriga edemica que brotam dos uteros e que nós perseguem estao avancando na mesma direcao para a qual estamos nos fugindo. Se querem alcancar-nos e passar para a nossa frente, e que, eles tambem estao fugindo. Todos, perseguidores e perseguidos, estao em "desenvolvimento", correndo rumo aos aparelhos.

E preciso distinguir, na migração atual, três movimentos sobrepostos. O movimento a curto prazo, a médio prazo, e a longo prazo. O movimento do mar pode servir de modelo. O prazo "curto" é o movimento das ondas que se quebram na praia. O prazo "médio" são as marés pelas quais o mar avança e recede. O prazo "longo" é o movimento geológico pelo qual as marés modificam os contornos dos continentes. Confundir tais níveis de movimento seria não ter captado a dinâmica da cena.

O movimento a prazo curto se manifesta, no Primeiro mundo, como engarrafamento dos automóveis em busca do sol em julho e da neve em janeiro. E, no Terceiro mundo, se manifesta como caminhões superlotados que acompanham as colheitas de monoculturas. O movimento a prazo médio se manifesta, no Primeiro mundo, como mobilidade social, (aburguesamento do proletariado, e decadência da burguesia). E, no Terceiro mundo, se manifesta como crescimento canceroso das cidades pelo influxo da população camponesa. O movimento a prazo longo se manifesta, no mundo inteiro, como infiltração progressiva do Primeiro mundo pelo Terceiro, como avanço irresistível do "Sul" rumo ao "Norte".

Exemplo da confusão de níveis e o planejamento urbano. Os urbanistas pretendem canalizar o movimento a médio prazo. Programam projetos de desfavelamento em S. Paulo, e as "Villes neuves" na França, afim de proporcionar moradas aos nenes de barriga edêmica, provindos do nordeste e do Mediterrâneo. Estão enganados. Os seus projetos prevem duração de aproximadamente vinte anos que é o quanto dura uma casa. Mas com isto já estão passando do prazo médio para o prazo longo da atual migração dos povos. Os nenes famintos não ficarão nos projetos de desfavelamento paulistano, nem na "ville neuve" de Grenoble por tanto tempo. Não são tão pacientes como querem os urbanistas. Avançarão, antes disto, para Brasília e para os "centros históricos" das cidades francesas. Os urbanistas exageram o prazo médio que nos é disponível: o futuro está nos nossos calcanhares. Os seus projetos não são "cidades", mas campos de passagem para a humanidade nova.

A miopia dos programadores é explicável. Baseia-se sobre experiência passada. Sempre havia nenes famintos em S. Paulo e em Grenoble, e era possível absorver-los na cidade. E tais nenes, muitas vezes, eram imigrantes. Os sudetos na Baviera depois da Segunda guerra, os "pieds noirs" na França depois da guerra da Argélia, os khmer na Tailândia e os cubanos em Florida atualmente. Mas em tais fenômenos tratava-se de refugiados, de "flagelados". Atualmente trata-se, nos nenes famintos, de perseguidores, de "flagelos". Os urbanistas não reconhecem tal diferença fundamental, porque os nenes não se comportam como conquistadores. Os hindus em Londres não se comportam como se comportavam os ingleses em Delhi: não ocupam palácios, mas cortiços. É que, na migração atual, é possível distinguir-se entre perseguidor e perseguido, mas não entre vencedor e vencido. Todos são vencidos, todos estão se "desenvolvendo". Se o Terceiro mundo se desenvolve mais rapidamente que o Primeiro, se vai alcançá-lo e ultrapassá-lo, é que está correndo mais depressa rumo a programação pelos aparelhos. A longo prazo a migração dos povos se apresenta como movimento da humanidade toda, que está sendo sugada para o interior dos aparelhos, afim de deixar de morar e passar a funcionar circularmente.

Tal situacao e inhabitual: nao temos experiencia passada que se possa aplicar a ela, nao temos modelo adequado. Nenes famintos enquanto conquistadores vencidos e experiencia nova. O que urge e pois elaborarmos novos modelos, emvez de elaborarmos estrategias hipocritas, como as "ajudas para o desenvolvimento" que visam mascarar o evento. Curiosamente dispomos de modelo que se adequa ao problema: trata-se de modelo provindo da estetica, aparentemente campo alheio ao da atual migracao dos povos. Na realidade, no entanto, campo muito vizinho: o da experiencia concreta.

Sob analise estetica verificamos que o habitual e vivenciado como "bonito". Esta e a base do patriotismo: a patria e mais bonita que qualquer outra situacao, precisamente porque a sua estrutura fundante passa despercebida. Toda irrupcao que destroa o habito, toda "novidade radical", e vivenciada como "feia", horrivel. Isto e a base da xenofobia: o estranho e horrivel e deve ser resistido. Nenes famintos sao feios. Mas e possivel fazer-se o salto dialectico do habitual para o novo, e ai ele passa a ser vivenciado como "belo". E vivenciado como "informacao nova", como enriquecimento revolucionario da cena. Mais tarde, o estranho, o novo passa a ser incorporado na cena, a gente se acostuma a ele, ele e kitschizado, e de "belo" passa a "bonito". Tal ciclo "bonito-feio-belo-bonito" estrutura a historia da arte, e, em geral, a nossa experiencia do mundo.

O salto do feio para o belo, nucleo da experiencia, e penoso e deve ser aprendido. Os cubistas aprenderam, a duras penas, de saltar da Rive gauche para a Africa negra, e os receptores da sua mensagem levaram anos para aprender a acompanhar tal salto. Quem esta acostumado a comer pizza acha feio comer mao de macaco, e deve passar por aprendizado para descobrir o quanto tal prato e delicioso. A passagem do belo para o bonito e suave: o habito se infiltra imperceptivelmente. Toda moca de "boa familia" pinta quadros cubistas, e os supermercados de Paris vendem latas com mao de macaco. O problema da dita "beleza eterna", a que resiste a kitschizacao, nao precisa ser aqui levantado. Possivelmente haja mensagem tao rica em informacao nova que jamais pode ser esgotada.

Pois o modelo estetico se adapta a cena da migracao atual dos povos. A situacao Kitsch, na qual moravamos, vai sendo invadida por novidade, e passamos a vivencia-la como horrivel. S.Paulo, Londres, Marseille estao ficando feios. Nao podemos mais morar em tanta feiura. O modelo sugere que devemos fazer o esforco penivel de descobrir o quanto e bela tal novidade irrompente. Aprender a descobrir a beleza dos nenes famintos e das mocas sofridas. Abrir-nos ao novo. "Amar" os nenes e as mocas. Tarefa essa muito dificil, porque deve ser cumprida com a consciencia clara que tais nenes e mocas sao o futuro do qual nos nao participaremos. Que sao o futuro que esta prestes a engolir-nos antropofagicamente. Devemos aprender a amar o futuro que esta nos engolindo. E isto, nao afim de evitarmos sermos engolidos, mas afim de superarmos o horror que isto nos causa. Nao pois afim de podermos morar novamente, mas afim de vivenciarmos a atual migracao dos povos como aventura. Pois a experiencia do belo, tal como esta implicita nos rostos dos nenes e das mocas, e a unica verdadeira aventura que a vida nos oferece.

O esforço para descobrir o belo no horrível e penoso, mas não é sobre-humano. O amor que devemos mobilizar não exige de nós "ultrapassarmo-nos" como o exige por exemplo o cristianismo. Isto porque a vida humana exige em toda parte e sempre que façamos tal esforço. Na medida em que envelhecemos, a cena passa, em todo lugar e sempre, a ser in-habitual e inhabitável, porque vai sendo invadida por nossos netos. Não há, segundo Goethe, fera mais horrível que o neto. Os netos nos devoram. Devemos reconhecer, nos bárbaros que estão invadindo a cena, tornando-a inhabitável para nós, nossos próprios netos. O excepcional, o inusitado, da migração atual dos povos, é apenas o fato que a nossa cultura toda vai se revelando "velha". A novidade é apenas que somos avós, não importa que idade tenhamos. E é isto que devemos aprender a duras penas.

No fundo, o homem é ente que não pode morar, ente que viaja sempre. Viaja rumo à morte. Ente que é estrangeiro no mundo em toda parte e sempre. "Homo viator". A cena atual apenas transfere a condição humana do individual para o coletivo, da vida de cada um de nós para a "vida" da cultura. É precisamente esta capacidade humana de transformar a experiência do horror, que emana de um mundo tornado horrível e absurdo pela expectativa da morte, transformar digo tal experiência em beleza e aventura, que perfaz a dignidade humana. O que é exigido de nós, pela situação atual, é que morramos dignamente. Que aprendamos a arte maior, que é "ars moriendi". E podemos aprendê-la apenas se aprendermos amar o futuro que nasce mais o nosso. Na esperança que, depois da nossa partida, os nossos netos não terão apenas nos engolido, mas também os aparelhos que lhes legamos.